

LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA

E' muitissimo difficil a biographia.

Grandes homens a tem evitado.

Precisa de exame muito aturado para que não peque na menor insignificancia.

As circumstancias e os factos mais minuciosos devem, em tal intenção, ser verificados com o cuidado de um analysta.

Dizia um celebre artista «que não valia a penna tirar retratos».

Nos devaneos a imaginação que, sem affectação, cria, está mais á vontade.

...E' livre, segundo o seu modo de ser intensivo, não tem que ser rigorista como a mathematica, cingindo-se a determinados moldes.

Escrevera o mestre Smiles que «o pintor commum não vê senão feições e limita-se a copial-as; porém um grande artista percebe até a alma atravez das feições.»

Por tal motivo, á falta de genio profundamente observador, e, até, daboia qualidade de exposição, apresentaremos, ligeiramente, a traço leve, o insinuante

typo de Sebastião Antonio Gonçalves de Oliveira, aos leitores da «Lagrima», com a confiança precisa de que será bem recebido.

Aqui obscuramente nascido em 24 de dezembro de 1859.

Naturalmente intelligente e amigo de saber, na classe commercial, a que se dedicou, teve uma saliencia predominante.

Agradavel na apparencia; captivante no trato.

Um dia certo grupo de artistas de Barcellos,

lembrou-se de fundar a actual corporação de Bombeiros Voluntarios.

Fôra o nosso photogravurado festivamente aclamado para seu commandante.

Por muitos annos o foi.

Dedicado em extremo a assumptos de salvação publica, não lhe passaram despercebidas as mais pequenas particularidades respeitantes a tão melinso serviço.

Conhecia os mais perfectos systemas de bombas, de escadas; os mais insignificantes machanismos respeitantes aos corpos de bombeiros; os processos mais praticos de debellar os incendios.

Muitas vezes o ouvimos explanar, modestamente, aos seus subordinados, esses conhecimentos utilissimos.

Por exemplo.

Sobre a utilidade dos extinctores, da alavanca, da manga de salvação, dos ignifugos, das bombas Jauck e Metz, das escadas de diferentes auctores.

...O bombeiro n'um incendio; a influencia do vento; as materias em chammas;

modos praticos de entrar n'um predio onde esteja em combustão o enxofre; a maneira de o apagar, assim como o petroleo.

Disciplinador rigorista, era d'uma egualdade perfeita.

Commandava, em casos de sinistro, com uma serenidade admiravel.

Muito doente, e cheio de desgostos, que acarretam cargos tão importantes, abandonou a effectividade de 1.º commandante.

Pouco depois fôra reintegrado, com o mesmo posto, como honorario, em reconhecimen-



toao muito que prestira á briosa corporação.

Attendendo-se aos seus serviços, fôra agraciado com o habito de cavalleiro da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

A sua acção bemfazeja não teve limites; desmarcou-se, até, na mediã das suas forças, com donativos que hoje engrandecem a nossa Associação.

Morreu.

O seu sahimento funebre foi o mais grandioso que se tem realisado em Barcellos, nos tempos actuaes; a elle concorreram em peso os habitantes d'esta villa.

Nunca se viu demonstração de sympathia equal; chegou a ficar celebre.

Na memoria de todos perdura a sympathica personalidade de Sebastião d'Oliveira, que foi o esforço inquebrantavel da *verdade util*.

Impoz-se, naturalmente, ao coração de todos os barcellenses.

A. Soucassuz.

Ha perto de 40 annos um padre de Minhotães, que só vivia do rendimento do seu patrimonio e das escolas que recebia das missas diarias, faltando lhe estas, escreveu a um seu collega, então parochy em Macieira de Rates, para que lhe angariasse algumas. Pediu-lh'aa porém, nos seguintes versos, que attestam a sua veia poetica:

«Diz Antonio da Pedreira,
Assistente em Minhotães,
Que já de avós, paes e mães
Herdára muita lazeira,
E que, a abundancia inteira,
Na vossa direita vê,
Pede hoje a voccemecê,
Lhe remeta as devoções
Para novas provisões
E receberá merecê.»

O parochy de Macieira de Rates mandou immediatamente missas ao seu collega que, logo que foram ditas, lh'o participou nos seguintes versos:

«Reverendo de Macieira,
O Senhor vos dê saude
Pela sublime virtude
Com que animaes o Pedreira,
Que é tanta em mim a lazeira
Que não paguei ao rendeiro
O dizimo todo inteiro.
Sendo tão prompto em comê-lo
Tenho de pagar desmazê-lo
Porque não tenho dinheiro.»

O dinheiro fez-se esperar da parte do Parochy de Macieira. O padre de Minhotães impaciente, continuou:

«Reverendo de Macieira,
Apenas vos fiz patente
A minha grave indigencia,
Me acudiste diligente,
Essa virtude excellente
Herdaste-a de troncos nobres.
... E se vierem os cobres
Acudir a um triste réu
Deus Vos prestará o eçu,
Bemfazejo pae dos pobres.»

Os cobres chegaram finalmente, e o pobre padre apressou-se em agradecer ao seu benefactor:

«Se eu fora bello portento
De sciencia e ling. a clara,
Só co'a falla vos mostrára
Men muito agradecimento,
Mas um velho bolorento,
Sem virtude retentiva,
A cada passo se priva
De fazer acto perfeito,
Mas só deseja em seu peito
Quem o socorra a que viva.»

Beijo a vossa nivea mão,
Cuja protecção me alcança.
E protesto em qualquer lance
A eterna gratidão.»

CARTA

Enviou-nos a seguinte a nosso amigo Poto:
«...Sou soldado, sem nunca ter quebrado. Uma novidade—deixei de ser, n'esta vida, o João Ferrreira; agora sou o 24 da 4.ª do 2.º. Um caso curioso—em minha casa mandava-me unicamente o meu pae e minha mãe. Aqui muda tudo de figura. Tenho como superiores—o coronel, o tenente-coronel, o major, o capitão, o tenente, o alferes, o 1.º sargento, o 2.º, o 1.º cabo, o 2.º, até o soldado mais antigo que forma á minha direita. Meus inferiores só os cornetas... Outra nota—aqui quasi todas as cosas mudam de nome, que fica arvesado. E' var—o rancho, chamam peneira; ao pão, casqueiro; ao travesseiro, cabeçalho; á cama, pildra; ás botas chuses; aos paisanos, pelludos; aos immundos, rasquilhas; aos amigos de mulheres, azeitos; á agua, salgueira. E por aqui adiante. Serviço, tenho tido muito—como plantão, sou o vigia da cazerna, não deixando praticar furtos e annunciando a presença dos meus superiores. Faço guarda, e, então, sentinella, a que chamam objecto sagrado. Eis uma disposição com que não me conformo. Se uma pessoa fosse sagrada, não bebia aguardente. Observci um caso—aqui ha um medo extraordinario. N'um

A LAGRIMA

quartel com centenas de homens, vê-se gente, armada, na sentina, na secretaria, na cozinha, no paiol, na porta das armas. Com os diabos!... na minha casa dormia eu só e meus irmãos, que são pequenos, sem receio algum; na padaria da sr.^a D. Theresinha Baptista tambem dormem, sós, muitissimas mulheres. Dou cavaco em me andarem aqui a fallar em inimigo. Inimigo abaixo, inimigo acima; Querem saber qual tem sido o meu maior inimigo? O apetite que os ares do mar coçam, mas esse tenho-o combatido não com balas, mas com feijão carrapato e mauteiga e batata!

Adeus.*

EFFEITOS DA SÊDE

Panhaes, trabucos, revólvers,
Uma pandega de escacha,
Foi o que deu a semana
Devido á santa *borracha*.

O Pistollas por um triz
Dá com um na pá do rabo;
O Diabrete e o Rita
São filhinhos do Diabo...

Qual com seu gallo na testa,
Ou com a perna contusa;
Ha quem comeu na refraga
Com os cacos d'uma infusa.

E digam que Santo Amaro
Não tem devotos aos centos;
Os rosarios de quartilhos
Faz os fiéis turbulentos.

E não 'stá nada barato
O copo do verdeal...
Se o preço fosse mais baixo
Era *pisorga* geral...

Nada de mais comiso, de mais divertido, de mais burlesco, para não dizer nada de mais original do que o succedido na noite de quinta para sexta na rua Nova de S. Bento.

For volta da meia noite, hora que passei a duendes e bebados e cães sem aqano e ladrões, n'uma humilde mansarda de pau de pinho, d'aquella rua, ouvia-se distinctamente este dialogo em voz fememil:

—Minha mãe, aqui está gente e na minha cama, acenda a vela, depressa.

—Tem juizo, mulher, as portas estão fechadas, quem entrava cá?

—E... minha mãe; aqui d'el-rei, acudam...

E n'esta altura, quem quer que fosse, aban-

donava a mansarda com a rapidez do relampago.

De luz na mão, as duas mulheres, habita doras do casebre, percorreram todos os esconderijos e toparam um coleção extranho.

—Pergunta-se: quem foi o mysterioso personagem que devassou os patrios lares das duas infelizes, e deixou o coleção?

Explica-se.

Com a chegada de Mousinho, a Piolha, vendedeira de castanhas, inflammada no patriotismo, deixou a porta de casa aberta, sem a mão saber, e um *pioelho* entrou-lhe no leito.

Para os devilos effeitos julgamos da nossa parte justo dizer que o Vergelim, segundo suas proprias palavras, é mais fino do que o Pote.

—«Vilebilhe, dizia ha pouco, não é uma opereta porque não tem côros. A opereta é uma peça passada entre pretos, porque o proprio nome está a dizer:—*ó p'reta*.»

Diante d'este desconchavo chamamos-lhe animal, e para que não visse n'isso grave ou minima offensa, provamos que havia no mundo reino vegetal, mineral e animal e que nós pertenciamos a esta ultima classificação:

—«O homem, acole o Vergelim, não é animal porque não tem quatro pernas, nem corpos; homem só é animal depois de morto, por causa da alma.»

—«E' uma carrocha, altercamos-lhe, é animal.»

—«Não, responle, é um bichinho qualquer.»

Para salvar a classe artistica de Barcellos, o que vale é a finura do Perinha, expressa na seguinte prosa:

«Dissolven-lo-se a sociedade que desle ha muito se achava organizada sob a directoria do exm.^o sr. João Ferreira (o Pote) nosso futuro galá por isso pole de todos os peitos que tem sentimento sair este grito unanime Abaixo os usurpadores da nossa classe artistica que tão briosamente tem sustentado a sua onra fez sem que nenhuma mancha lhe venha encubrir o rosto.»

Honradez sem *h* é o mesmo que o Perinha ser bruto com *b* pequeno.

Senhores do monopolio dos phosphoros:

A «Lagrima», enternecida ao mais alto grau, vem hoje prestar homenagem á pilheria de v. ex.^{as}. Nós, que somos do tempo das tres caixas por cinco reis, em que sentenciava modicidades: *barato como os lumes promptos*, não podemos contemplar uma caixa da companhia sem desfazer a rir o côs das calças. Um triste Belisein que pelas duas da madrugada acender a sua

candeia para proseguir nas suas locubrações, começa de sarrabiscar na caixa dos dez reis, primeiro, segundo, terceiro, quarto palito sem conseguir fogo e com grave risco de esgotar toda a madeira da sobredita. E todavia, ex.^{mos} monopolistas, basta economisar um só lume por dia, para obter 120 reis no fim do anno, segundo nos diz aqui o visinho da rectaguarda.

A «Lagrima» pede que para o Zé não continuar a ser mystificado a companhia mande escrever no rotulo das respectivas caixas o destino seguinte:

Lenha para acender!

O fogo pode-se obter como antigamente, em que se comprava um burro para ir ao lume pelas portas...

O sr. Paes de Faria bemfazejo carcereiro que, ao contrario do nosso amigo Antonio Gonçalves que amassava os tampos aos presos que o desrespeitavam, mette-os no segredo.

Assim succedeu a um que lhe lia o ponto da ultima «Lagrima» pedidor de *sopa* para os presos em vez do embaturante rancho.

A proposito diremos que quando o sr. Paes de Faria acompanha os presos no carretio da agua confunde-se com elles porque tem cara de ladrão...

O leitor sabe que ha muitas rodas.

Roda de carro, roda dentada, roda d'agua, roda d'encontro ou catarina, roda de escachar, roda de fogo, roda de freiras, roda de engeitados, roda da loteria, roda da fortuna, roda viva.

Para accrescentar é ouvir o Serra Macaca que se propõe construir uma outra que eleve aos paymentos superiores da cadeia, os presos que estejam no rez do chão.

Esta passará a chamar-se *rodabaia*.

A Moda Elegante.—Recebemos o n.º 3 d'este excellente quinzenario de modas, cuja redactora principal está em Paris, centro da moda.

E' feito com muita arte, n'aquella cidade.

«A Moda Elegante» publica nas suas columnas, alem de muitas secções de modas, muitas outras não menos interessantes, e de leitura amena e agradável.

Vêm-se modelos lindissimos; acompanha-o um supplemento colorido.

E', para nós, o primeiro periodico de modas de Portugal.

Trimestre, em Barcellos, 1\$100 reis.

Branco e Negro. Continua a ser o jornal mais artistico do paiz, contendo collaboração escolhidissima e custando uma insignificancia a sua assignatura, na alfaiateria Barroso.

Mensageiro do Coração de Jesus. Recebemol-o com regularidade. E' dedicado á defeza dos interesses do Coração de Jesus. A sua prosa é, por vezes repassada de muito espirito, que o torna attrahente, o que não succede com muitas publicações religiosas. Assigna-se no collegio de Campolide, de Lisboa.

A «*Mo da Elegante*», cuja direcção principal pára em Paris, «a ver, como Bocage, em que param as modas», diz á ultima hora que deixaram de usar-se os guardanapos enfulipados nos copos, em jantares, pelo motivo dos creados que os enfeitiam serem ás vezes pouco limpos, e não seria portanto, agradável, leval-os aos labios com essa suja lembrança.

Com vista do Thomazinho...

Outro sim diz que a etiqueta manda collocar nos jantares em lugar de honra, primeiro que o magistralo mais graduado da terra e do que o militar mais elevado em posto, o padre.

Por exemplo, se não houver outro, o padre João do Monte...

EM PÉ DE GUERRA

Por acharmos de grande conveniencia para a nossa terra, conservaremos esta secção, permanente nas columnas da «Lagrima», abuzando mesmo da sua grande circulação.

E' justo que Barcellos seja olhado com mais um pouco de interesse e patriotismo.

Aqui estaremos, pois, continuamente, clamando pela attenção das pessoas que superiormente superintendem nos negocios camarários e administrativos, d'esta villa.

Assim:

Que se remediem as faltas da arborisação publica da villa;

Que os bancos em mau estado, no Campo da Foira, sejam substituidos por outros, e se collocem novos nos pontos em que o vandalismo os fez desaparecer;

Que se não consinta, escandalosamente, na rua principal de Barcellos, a criação de porcos, e se não permita que elles andem em liberdade pela villa;

Que se faça a miúdo limpeza á viella detraz da rua Direita, que está horroresosamente imunda, impedindo, até, a passagem ás pessoas limpas;

Que se examinem os perigosos carros que transitam na villa, mormente á quinta-feira,

Que se não interrompa o emprego dos belos estrychninados aos cães que, sem açamo, infestam as nossas ruas.

(«A Lagrima» é o periodico de maior tiragem em Barcellos)

Typographia Barcellense

Responsavel—J. Gonçalves da Silva.

Preço da assignatura, por trimestre, 120 rs.